

AS RELIGIÕES ORIENTAIS E O PAGANISMO ROMANO

O culto de Cibele - Atis

Através das polêmicas empreendidas pelo paganismo romano, na luta de vida ou morte contra o cristianismo, podemos perceber as principais razões de seu desprestígio e da sua queda.

O que parecia evidente aos olhos dos adversários por muito tempo não foi percebido pelos pagãos, os principais interessados: a falta de unidade de crença, de um sistema harmônico, que, ao mesmo tempo, satisfizesse e prendesse o crente — defeito de conteúdo, — e a falta de uma autoridade organizada, cujo encargo fôsse a defesa de tal sistema, — defeito de forma.

De fato, o primeiro era o defeito capital, porque, se bem que jamais o paganismo tivesse tido um clero organizado à semelhança do clero católico, contudo foi, por muitos séculos, a religião oficial, e, como tal, tinha por si a autoridade civil. As tentativas que se fizeram para sanar ambas as falhas, ou foram imperfeitas, ou empreendidas muito tardiamente.

* *
*

O paganismo romano era múltiplo e isto se observa com maior nitidez à medida que se caminha para o fim do império. Mas, desde o tempo dos Severos o problema religioso começa a inquietar os que estudam a História de Roma.

Por essa ocasião, ao lado das antigas lendas indígenas — que por tanto tempo satisfizeram um povo simples e ingênuo como suas crenças — existiam agora inúmeras religiões estrangeiras. E ao lado do templo oficial começam a erguer-se outros, consagrados a divindades vindas das várias partes do mundo, sempre que numa ocasião de perigo, com o recrudescimento da devoção, era preciso recorrer ao poder possivelmente mais eficiente de um novo deus.

Assim foi trazida para Roma a deusa nacional da Frigia, a deusa Mãe Cibele; assim vieram posteriormente do Egito, Isis e

Serápis. Depois, da Síria, Atargátis e Baal, da Pérsia Mitra, e da Babilônia a astrologia e a magia.

Estranha, à primeira vista, que povos antigos cuja idéia de deus estava em geral unida à idéia de pátria, tenham admitido com tanta facilidade a concorrência de deuses estrangeiros, que representavam outras potências.

As causas são várias: religiosas, pròpriamente ditas, econômicas e morais. Infelizmente não nós podemos deter nelas, porém podemos apontar o que era evidente: essas novas religiões satisfaziam mais que o velho paganismo os sentimentos, a inteligência e a consciência.

*
* *

ORIGENS DO CULTO DE CIBELE — LENDA DE CIBELE E ATIS — A ENTRADA DA DEUSA EM ROMA

Dentre os cultos estrangeiros que Roma adotou, encontra-se o de Cibele, ao qual bem cêdo se juntou o de Atis, que de há muito lhe estava associado.

Vinha da Frígia. Os frígios se julgavam o povo mais antigo da terra e faziam remontar êste culto aos mais recuados tempos.

Segundo os antigos, esta deusa, que freqüentemente aparece confundida com Réia, talvez por causa das muitas atribuições em comum, apesar da diversidade das lendas, era chamada por vários nomes.

Era *Κύβέλη*, *Κύβήλη*, *Κύβελλα* e *Κύβήβη*, êste particularmente na Lídia e arredores. Tais nomes, segundo as mesmas fontes, se ligariam ao nome da montanha em que a deusa era adorada: *Κύβελα ὄρη*. Como nenhum texto indique a existência desta montanha, muitos autores são levados a atribuir essa origem à imaginação dos etmologistas.

Em todo caso, Cibele era a deusa dos altos picos e das cavernas, que aparece designada sob vários nomes: "Grande deusa frígia", "Agdistis" (nome de outra deusa, que mais tarde se distinguiu de Cibele), "Mãe dos deuses" (nome com que era conhecida fora da Frígia, talvez por assimilação a Réia), "Mãe do Dindimo", "Mãe do Ida" e muitos outros, geralmente tirados dos lugares em que era adorada, como "Berecintia", "Pessinúntica", etc.

Pessinonte era uma cidade aos pés do Monte Dindimo, onde o culto de Cibele se tinha radicado e florescido. Lá estava a pedra caída do céu, que representava a deusa, e lá, segundo se contava, o rei Midas lhe construiu um templo e instituiu um culto. De Pessinonte o culto nacional da Frígia se espalhou pelo mundo antigo, até atingir Roma.

Na sua lenda, como em geral acontece, há muitas contradições e muitas dúvidas.

Os povos antigos, assombrados diante da perfeição e dos mistérios da natureza, procuravam explicação adequada dentro da sua razão, e, por isso, seus deuses se assemelhavam muito a eles mesmos. Geralmente há uma deusa, a fêmea, que representa a fecundidade, a natureza, a vida, e um deus, o macho, que lhe está intimamente associado. Isto, em relação a Cibele, é contado diferentemente pelos vários autores: Pausânias, Arnóbio, Ovídio, Salústio, Julião, Deodoro, estão em freqüentes contradições e dúvidas.

Conta-nos Ovídio, nos *Fastos*, IV, a partir do verso 223, com pormenores e riqueza de informações, a história de Atis, colocando-a na boca da ninfa Érato:

— “A deusa coroada de torres se apaixonara por um menino de notável beleza que encontrara na floresta. Tomando-o ao seu cuidado, confiou-lhe a guarda de seus templos, sob a condição de que ele conservasse sempre a castidade. Apesar de jurar obedecê-la, Atis a engana com a ninfa Sangaris. Diante disso, a deusa indignada mata a ninfa; o jovem, com a razão transtornada, foge para os altos cumes do Dindimo, e lá, alucinado, para se castigar e se penitenciar, mutila-se, consagrando-se definitivamente à deusa”.

Catulo nos conta algo diferente, possivelmente mais fantasiado, de acôrdo com o lirismo apaixonado que o caracteriza. No belo poema que se intitula “Atis”, (n.º 63), e que Marcial chamou de *Luculentus Attis*, (2, 86, 4), o herói é um jovem grego que, apaixonado pela deusa, e possuído do furor de sua paixão, impetuosamente se dirige aos bosques frígios, domínio de Cibele, onde, para satisfazer as exigências do culto, e ainda inconsciente, no seu devotário, faz o sacrifício da sua virilidade. Entrega-se depois aos rituais do culto, dirigindo um corpo de outros *Galli*, ou eunucos, como ele, devotos de Cibele. Afinal, cansado, adormece, e, quando já refeito, desperta, e se dá conta da triste condição a que ficara reduzido, desespera-se, arrependido do que fizera e já saudoso do que perdera. Cibele, indignada, envia ao encontro do jovem que procurava fugir ao seu domínio, os leões de sua guarda. Amedrontado, Atis volta sobre seus passos, e cai para sempre sob o poder da deusa.

Como se vê são já duas versões diferentes, embora concordes em fatos essenciais. Outros autores da literatura latina se referem também à figura de Atis e à de Cibele, confirmando ora uma, ora outra das versões, e acrescentando alguns dados. Explicam-nos, por exemplo, a razão de ser dos leões (Vergílio, *En.*, III, 113; Ovídio, *Fas.* IV, 215), das torres, (Ovídio, *Fas.*, IV, 219), etc.

Tal era a deusa que um dia os romanos se lembraram de adorar.

Durante a segunda guerra púnica, tendo os exércitos romanos, derrotados muitas vezes, incutido no povo o temor da presença de Aníbal, procurou-se, segundo o costume, uma solução nos livros sibilinos. A resposta foi:

— “Quando o inimigo estrangeiro tiver transportado a guerra para o solo da Itália, não se poderá expulsá-lo ou vencê-lo senão trazendo do Pessinonte para Roma a estátua da Mãe do Ida.”

Isto pareceu tanto mais verdadeiro quando o culto de Cibele estava relacionado com a crença da fundação troiana de Roma, conforme a lição dos poetas:

Vergílio (*En.*, III, 105) nos diz: “onde se encontra o monte Ida e o berço da nossa raça”.

E Ovídio (*Fas.*, IV, 250): “a mãe dos deuses sempre amou o Dindimo, o Cibelo e o Ida dos bosques murmurantes, e a rica cidade de Ílio. Quando Enéias transportou para os campos da Itália tudo o que restava de Tróia, a deusa quase seguiu as naves que haviam recolhido as coisas sagradas. Mas ela sabia que os fados não a chamavam ainda ao Lácio, e não trocou de morada. Mais tarde, quando Roma, já poderosa, contava três séculos de vida, e elevara sua cabeça sobre o universo conquistado, o sacerdote, consultando os oráculos dos livros sibilinos, leu estes versos — “a Mãe está ausente, romanos, é preciso procurar a Mãe, eu o ordeno, e que em sua chegada seja ela recebida por mãos castas.”

Consultado o oráculo sobre o sentido destas palavras, a resposta foi: “Fazei vir a Mãe dos deuses; encontra-la-eis no cimo do Ida”.

Assim, em 205, parte uma embaixada rumo à Frigia. Recebe-a o rei Átalo, que a conduz em pessoa ao bosque sagrado, e faz a entrega da pedra negra que representava Cibele.

Urgia conduzi-la dignamente a Roma.

— “Imediatamente inúmeros machados abatem as florestas de pinheiros que o piedoso Enéias havia também despojado antes de partir para o exílio.” Pronto e adornado, o navio larga para a Itália, conduzindo a deusa Mãe, numa viagem triunfal que Ovídio descreve com abundância de pormenores. (*Fas.*, IV, 279).

Esperam-na, junto à embocadura do Tibre, senadores, cavaleiros, vestais, matronas, o povo todo.

— “Uma corda é ligada ao navio; os homens a pucham com esforço e se fatigam em vão: o navio estrangeiro não sobe senão muito dificilmente, a correnteza lhe resiste”. Afinal para definitivamente, e nada o remove. Então, Cláudia Quinta, descendente do antigo Clausus, que tinha beleza correspondente à sua nobre estirpe, e de cuja reputação muito se falava, procurando, por um especial favor da deusa, provar a sua inocência, dirige-lhe uma prece e lhe pede que obedeça às suas mãos castas. Quase sem esforço, Cláudia avança, puchando o navio. Afinal chega. Er-

gue-se um altar, faz-se o sacrificio de uma novilha sem mancha, e um sacerdote de cabelos brancos, vestido de púrpura, lava no Almo a deusa e os objetos sagrados." Soltando uivos, tocando flautas e tamborins, os ministros da deusa a conduzem, pela porta Capena. Em Roma, Násica, — o mais honesto dos romanos, — a recebe, e será o fundador de seu templo, título que mais tarde Augusto ostentará.

Muitas dessas palavras são confirmadas por outros poetas. Propércio se refere a Quinta Cláudia (IV, 11, 51) e Vergílio, na *Eneida*, IV, 80, 93, conta como a Mãe dos deuses se dirigiu a Júpiter, seu filho poderoso, em favor de Enéias, ao qual ela havia sacrificado seus bosques sagrados, afim de lhe proporcionar uma frota.

E no canto X, 157, mostra-nos pronta e adornada, com as insígnias da deusa, a frota de Enéias:

"Prima tenet, rostro Phrygios subiuncta leones;
Imminet Ida super, profugis gratissima Teucris".

Mais adiante êstes navios serão transformados por Júpiter em ninfas, para escapar à ameaça de Turnus (Ct. X).

Os poetas nos apresentam, pois, de um ponto de vista muito favorável aos romanos — descendentes dos troianos, segundo a opinião corrente — a deusa protetora que agora se introduzia.

Êste prestigio, porém, não será duradouro, em virtude da natureza do culto e de suas conseqüências.

*

* * *

O CULTO DE CIBELE NA FRÍGIA E EM ROMA

O culto de Cibele se constituiu em Roma tal como era na Frígia, e conservou por muito tempo as características de um culto estrangeiro.

Ao desembarcar na península, a deusa já trazia seu corpo de sacerdotes — os chamados *Galli*.

Esta palavra, segundo Ovidio, (*Fas.*, IV, 363), não tem nada que ver com a Gália, antes se refere a um rio da Frígia cujas águas enlouqueciam quem delas bebia:

"Inter, ait, viridem Cibelen altasque Celaenas
Amnis it insana, nomine Gallus, aqua.
Qui bibit inde, furit"

Eram êstes sacerdotes, como o infeliz Atis descrito por Catulo, todos eunucos. Constituíam o cortêjo da deusa, tomavam parte nas cerimônias rituais, e tiravam esmolas para ela. A razão destas esmolas nos dá Ovidio (*Fas.*, IV, 352).

Em Roma os *Galli* são, em breve, desprezados pelo povo, amigo da força e da virilidade. Os poetas refletem este desprezo. Marcial fala com zombaria dos efeminados sacerdotes de Cibele e a palavra *Gallus* se torna, em sua obra, sinônimo de *eunuchus* (X, 72, - II, 45, - III, 24, 13 - VII, 75, - XIII, 63, etc.).

Os costumes e as vestes destes infelizes também são motivo de motejos. É o que nos diz Marcial (XIV, 204):

— “O cobre que serve para chorar os amores de Cibele e Atis, o sacerdote da deusa, quando tem fome, às vezes vende.”

E ainda, ao referir-se a um personagem que despreza, compara-o a um *Gallus* (VII, 95, 15):

“Et Gallum timeo minus recentem”

Eles inspiram piedade, mas também repugnância (IX, 8, 13):

“I nunc et miseros, Cybele, praecide cinaedos”

As suas vestes estavam de acôrdo com a sua condição, segundo nos conta Vergílio, (IX, 614):

“Vobis picta croco et fulgenti murice vestis;
Desidiae cordi; iuvat indulgere choreis;
Et tunicas manicas et habent redimicula mitrae,
O vere Phrygiae, neque enim Phryges, it per alta
Dindyma, ubi assuetis biforem dat tibia cantum:
Tympana vos buxusque vocant Berecynthia Matris
Idaea: sinite arma viris et credite ferro”

“Vós tendes as vestes bordadas de açafão e da brilhante púrpura; a inação vos agrada; vós vos inclinai à dança, e tendes túnicas com mangas e mitras com fitas. Oh! ide, frígias, — sim, pois não sois frígios, — ide para o alto Dindimo onde a flauta de dois ramos canta para os seus adeptos. Os tamborins e os pifaros berecintios da Mãe do Ida vos chamam, deixai as armas aos homens, renunciad ao ferro”.

Lembre-se de que as vestes tingidas de açafão eram tidas pelos romanos como efeminadas. Veja-se o que diz Cícero contra Clódio (*Har.*, resp., XXI). Condena-se igualmente a mitra, distintivo de Baco, o mais efeminado dos deuses e a dança, considerando que é preciso estar-se meio louco para dançar (*Pro Murena*, XIII):

“Nemo fere saltat sobrius, nisi forte insanit”

A própria túnica com mangas não era bem vista e Cícero censura aos correlecionários de Catilina o uso de mangas longas até o chão. (*Cat.* II, 10, 22).

E Ovídio, na *Arte de Amar* também reprova o excessivo requinte que os sacerdotes de Cibele tinham, em relação às vestes (I, 507):

"Ista iube faciant, quorum Cybeleia mater
Concinitur Phrygiis exululata mades"

Em vista disso, os cidadãos romanos estavam proibidos, por *senatus consultus*, de comparecer às festas de Cibele vestidos com tais insígnias; de tocar flauta e de exercer qualquer dos ritos próprios desse culto. Por isso os romanos eram simples espectadores e se limitavam, à passagem da procissão da deusa, a lançar flores e moedas. E celebravam as datas consagradas a Cibele com banquetes e jogos de cena e circo.

Ovídio nos dá a razão de tais festins: "é que a deusa do Bercinto trocou, com felicidade, de morada; procura-se o mesmo presságio, trocando também de morada" (*Fastos*, IV, 350).

Esses *Galli*, tão bem retratados pelos poetas latinos, e que constituíam o corpo sacerdotal da deusa, executavam as danças rituais, agitando os longos cabelos, ao som de flautas, de címbalos e tamborins, à semelhança do jovem Atis (*Catulo*, 63). Vários poetas cantam os furores provocados pelas danças turbilhonantes, acompanhadas de música estridente (*Verg.*, IX, 618). E Marcial chega a "Jurar pelos furores do Bercinto" (IV, 43, 8).

A razão do retinir de instrumentos é, segundo Marcial, a recordação do ruído que fizeram os curetas para encobrir os possíveis vagidos de Júpiter recém-nascido, cuja guarda lhes fôra confiada. Note-se que os curetas são sacerdotes de Rêia, o que demonstra a confusão que se fazia entre este culto e o de Cibele.

Os furores provocados artificialmente pela dança e pela música é que permitem o sacrifício de que Atis, segundo *Catulo*, se arrependeu mais tarde, inútilmente. E Propércio se espanta de que haja alguém que faça o mesmo (II, 15-16):

"Por que há quem fira os braços com facas sagradas,
e, louco, se mutila ao som das flautas frígias?"

E o poeta parece impressionado, porque volta a se referir aos instrumentos de Cibele em mais dois passos (IV, 7, 60 e III, 33). Por sua vez, também *Lucrecio* os descreve (*De Rer. Nat.*, 600-643) e *Ovídio* compara esta ardência avassaladora ao amor (*Her.*, IV, — 47).

*
* *

Quando a deusa chegou a Roma assim acompanhada, não havia um templo destinado a ela: só treze anos mais tarde será inaugurado.

Segundo parece, Atis não entrou na cidade junto com a deusa, foi-lhe associado, posteriormente, sob Cláudio, por ocasião da grande festa da deusa, em março, quando se fazia a reprodução das cerimônias frígias. E de 22 a 29 de abril, celebravam-se as megalésias, que deviam dar grandes despesas ao pretor, segundo Marcial (X, 41):

“Constatura fuit Megalensis, purpura centum
Et populare sacrum bis milia dena tulisset”.

No dia 22 *intra arbor*, isto é, o pinheiro, símbolo de Atis, e, ao mesmo tempo da natureza, que apresenta a morte e a ressurreição a cada ano. Vem carregado em pompa.

Os poetas fornecem dados sobre a árvore preferida: Marcial (XIII, 25), Vergílio (IX, 85), (X, 230), e outros, mas principalmente Ovídio, que descreve toda a procissão (*Fas.*, IV, 179-188) e nos conta a transformação de Atis em pinheiro (*Metam.*, X, 100).

No dia 24, dia de sangue, os *Galli feriam* e retalhavam os braços (Propércio, II, 15, 16).

A 25 inaugurava-se a Alegria, eram as Hilárias, que representavam a ressurreição de Atis.

Finalmente, a 29, era a velha cerimônia frígia: depois da procissão, chegava-se às margens do Almo, onde se banhava a estátua da deusa e os instrumentos do culto:

“Phrygiumque matris Almo qua lavat ferrum”.

Ao tempo dos Antoninos, outro ato de purificação pertencente ao culto de Cibele era o *Taurobolium*, cerimônia repugnante, a que se submeteu o imperador Juliano.

Dos mistérios de Cibele vários poetas nos dão notícias, se bem que escassas: Marcial (VIII, 81, I), Vergílio (*En.*, III, 111), etc.

*
* *

Vimos a razão que motivou a admissão, entre os deuses romanos, da deusa Mãe, cujas cerimônias encantavam o povo e escandalizaram, mais tarde, os chefes cristãos (Sto. Agostinho — *Civ. Dei*, II, 4), pois o seu rebanho preferia o circo à Igreja.

No entanto, uma vez passada a ocasião em que ela se fizera necessária, o conceito que se formara a respeito da deusa, de seus sacerdotes e de seus ritos, decaiu muito. As festas de Cibele eram uma ocasião propícia a liberdades excessivas, sempre agradáveis ao povo, e não uma demonstração coletiva de respeito e de fé.

Para verificar estas palavras bastará confrontar os poetas. Enquanto no período da República e do começo do Império, a len-

da e a figura de Cibele são encaradas com temor e indiferença, mas sempre com respeito (Catulo e Horácio, em que há uma só referência à deusa), noutros, da mesma época (Ovídio, Vergílio), o conceito já vai mudando, para ser totalmente outro nos poetas da decadência, o que procuramos demonstrar através da irreverência de Marcial.

EDITH PIMENTEL PINTO

Licenciada em Letras Clássicas (U.S.P.).